

Movimento Humano no Contexto do Desenvolvimento: Estudos de Judith Kestenberg¹

Larissa Sato Turtelli²
Maria da Consolação Gomes Cunha Fernandes Tavares
Universidade Estadual de Campinas

RESUMO – O objetivo desta pesquisa foi trazer para a discussão os estudos de Kestenberg abordando o movimento e o desenvolvimento humano. Estes estudos esmiúçam a complexidade destes fenômenos e explicitam como as aquisições de habilidades motoras e o desenvolvimento psicológico são interligados. A presente pesquisa foi baseada em publicações originais de Kestenberg. As fases do desenvolvimento são descritas por meio do uso do espaço e dos padrões de movimento característicos de cada fase, os quais são associados à construção da imagem corporal e ao desenvolvimento psíquico. São levantados dados relevantes para um aprofundamento psicológico na abordagem do movimento humano.

Palavras-chave: icomotricidade; movimento; imagem corporal; psicanálise.

Human Movement in Developmental Context: Judith Kestenberg's Studies

ABSTRACT – The aim of this research was to discuss Kestenberg's studies concerning human movement and development. These studies present with great detail the complexity of these phenomena and show the links between the acquisition of motor abilities and psychological development. This research was based on Kestenberg's original publications. Developmental phases considering the use of space and the characteristic movement patterns of each phase are described and related to the construction of body image and to psychic development. Relevant data for a deeper psychological approach to human movement is considered.

Key words: ychomotility; movement; body image; psychoanalysis.

O movimento humano é fonte valiosa de informações sobre a realidade psicológica de cada indivíduo. Os processos do desenvolvimento de cada pessoa estão expressos no modo como ela se move e experiencia seu corpo. No contexto terapêutico, a utilização da análise do movimento para a avaliação psicológica e tratamento apóia-se no entendimento da mente, emoções e corpo como sistemas integrados e que interagem mutuamente. Essa ligação significa que não apenas o corpo reflete a psique, mas o corpo também afeta a psique (Amighi, Loman, Lewis & Sossin, 1999).

As relações entre movimento humano e aspectos psicológicos têm sido foco de inúmeros estudos (i. e.: Ginsburg, 1999; Le Boulch, 1992; Levine, 1999; Penna, 1989, 1990; Rodrigues, 2003; e Stinson, 1995). As investigações acontecem nos dois sentidos: tanto pesquisadores do movimento levantam a importância de se considerar os aspectos psicológicos ao se trabalhar com o movimento humano, como pesquisadores da psique apontam a importância de se considerar o corpo e o movimento nos trabalhos terapêuticos.

Um dos pressupostos básicos nestes estudos é de que as primeiras experiências de vida da pessoa influenciam no modo como ela irá se relacionar com o seu corpo e se mover na fase adulta. Amighi e cols. (1999) colocam de forma clara:

Porque tanto as experiências físicas quanto as emocionais deixam marcas a longo-prazo no modo como as pessoas se seguram e se movem, o estudo do movimento abre uma porta para o estudo de padrões do desenvolvimento inicial, estratégias de relação com o meio e configurações da personalidade. (p. 2, tradução nossa).

Segundo Schilder (1999):

A mudança das atitudes libidinais está, por sua vez, intimamente ligada às experiências de vida do indivíduo, e só pode ser entendida desta maneira. As atitudes em relação às situações vitais, a história de vida em seus aspectos subjetivos, levarão a uma ênfase diferente no modelo postural do corpo [...] isto mudará o próprio corpo. (p. 332).

Outros exemplos são encontrados em Cabral (2001) que considera que “[a] motilidade pode ser vista como o protótipo e expressão do funcionamento mental” (p. 291); Krueger (1990) que defende que a linguagem dos movimentos remete a experiências que antecedem a linguagem verbal e podem revelar afetos básicos; Pruzinsky (1990) que aponta que como experienciamos o corpo pode não apenas servir como pano de fundo para todas as nossas experiências, mas também influenciar a percepção e a memória; e Mahoney (1990) que destaca a importância de considerarmos, nos estudos a respeito da imagem corporal, os aspectos relacionados ao desenvolvimento, às relações interpessoais e ao “sistema do *self*”.

Pruzinsky (1990) ressalta que todas as pessoas aprendem formas de enfrentar o mundo, essas estratégias são cognitivas, emocionais e corporais. Lutar, fugir ou paralisar

1 Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento à pesquisa que originou este artigo (Processo 01/01510-5). Uma versão preliminar deste trabalho fez parte da dissertação de mestrado da primeira autora, defendida em 2003 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

2 Endereço: Rua Dr. José Ramos de Oliveira Júnior, Lt. 24, Qd. H, Bairro Vale das Garças, Campinas, SP, Brasil 13085-751. E-mail: l.turtelli@iar.unicamp.br

são expressões e experiências corporais. Muito depois de a necessidade de um enfrentamento de determinada maneira ter passado, a pessoa continua a empregar os mesmos mecanismos de defesa para se defender. Estes mecanismos de defesa são empregados repetidamente, e internalizados de forma inconsciente. O autor aponta que avaliar e mudar estes mecanismos corporais é um dos focos das terapias conhecidas como “somatopsíquicas”³.

Ainda segundo Pruzinsky (1990), as terapias “somatopsíquicas” consideram que mudanças efetivas no funcionamento da pessoa precisam dar conta tanto do nível físico quanto do nível psicológico da existência humana. Para que a mudança psicoterapêutica seja clinicamente significante e seja duradoura, é preciso haver mudanças nas experiências corporais do indivíduo, pois assim como as pessoas têm padrões habituais de respostas cognitivas e emocionais, têm padrões habituais de experiência corporal e tensões musculares.

Judith Kestenberg (1910-1999) aprofundou-se na investigação das relações entre o movimento humano e a psique. Havia uma preocupação da autora com a análise do movimento no contexto da psicanálise, ela acreditava ser necessária uma forma mais sistematizada de análise dos movimentos. Segundo a autora, havia uma tendência na psicanálise a traduzir os gestos e expressões faciais humanos para a estrutura de trabalho da comunicação verbal, o que não abarcava com propriedade o movimento, pois a linguagem verbal e a mobilidade eram meios diferentes de auto-expressão e não podiam ser substituídos um pelo outro. Nas décadas de 1960 e 1970, Kestenberg realizou um longo estudo no qual acompanhou três crianças e suas mães durante 20 anos, desde seu nascimento até o início da vida adulta. Neste estudo pôde pesquisar o desenvolvimento dos padrões de movimento das crianças e as relações destes padrões de movimento com os padrões de movimento das mães em cada fase do desenvolvimento.

Os estudos de Kestenberg são pouco conhecidos no Brasil. Trazer estes estudos para a discussão poderá enriquecer a forma como o movimento humano é abordado, pois são estudos minuciosos e inovadores que trazem dados preciosos a respeito da multiplicidade e sutilezas do mover humano e das relações entre o desenvolvimento psicológico e o desenvolvimento dos padrões motores.

A seguir, será abordada a visão de Kestenberg das fases do desenvolvimento a partir do enfoque dos padrões motores e suas inter-relações com a psique. O presente estudo partiu dos livros: *Children and Parents* (Kestenberg, 1975), *The Role of Movements Patterns in Development* (Kestenberg & Sossin, 1979) e *The Meaning of Movement* (Amighi & cols., 1999).

Fases do Desenvolvimento

Kestenberg usa terminologia da psicanálise freudiana em seus estudos. Ela divide as fases do desenvolvimento em oral, anal, uretral, genital-interna, fálica, latência e adolescência, e chama os ritmos motores predominantes em cada uma destas

fases de ritmos oral, anal, uretral e assim por diante. Embora a autora considerasse a terminologia da psicanálise como a mais acurada para classificar os padrões de movimento (ver Kestenberg & Sossin, 1979, pp. 46-47), atualmente estes termos parecem ter tido seu uso restringido aos seguidores da linha psicanalítica. No livro de Amighi e cols. (1999), que representa uma continuação dos estudos de Kestenberg, os movimentos são chamados por termos descritivos como sugar (ao invés de oral), pressionar (ao invés de anal), correr (ao invés de uretral) e assim por diante.

Kestenberg descreve as fases do desenvolvimento a partir dos padrões de movimento, do uso do espaço e de como a criança vai adquirindo novos controles de suas habilidades motoras; associa estas habilidades motoras a modos de pensar, apresentar, representar e sentir; fala como as qualidades de movimento estão ligadas à imagem corporal e também como a realidade psíquica da criança está interligada ao seu modo de se mover, lidar com os objetos e relacionar-se com as outras pessoas.

Fases pré-genitais, genital-interna e fálica

Em cada uma das fases pré-genitais e genitais Kestenberg distingue ritmos servindo às necessidades libidinais e sádicas sendo que os ritmos predominantemente libidinais precedem os ritmos predominantemente sádicos. Na Tabela 1, esquematizamos as fases pré-genitais e genitais com suas idades aproximadas e seus ritmos de movimento característicos.

Segundo a autora, tende a existir no desenvolvimento uma correspondência entre as pulsões e objetos específicos de cada fase. Kestenberg e Sossin (1979) explicam as pulsões referindo-se a Freud (1957). Os autores falam que, segundo Freud, as pulsões:

são caracterizadas por sua origem em uma zona corporal, seu processo de descarga (que ele [Freud] chama impetus), seu objetivo e o objeto para o qual elas estão direcionadas. Pegando como um exemplo a pulsão oral, sua origem é a região do focinho; sua descarga típica procede através do uso do ritmo de fluxo de tensão ‘oral’ de sugar; seu objetivo é obter satisfação para necessidades de incorporar e seu objeto é o mamilo ou o dedo do nenê (Kestenberg & Sossin, 1979, p.49, tradução nossa).

Em cada uma das fases existe uma *atitude corporal* característica. Kestenberg considera a *atitude do corpo* como o núcleo somático da imagem corporal. Os ritmos típicos e seqüências de padrões de movimento são o aspecto dinâmico da fase de desenvolvimento, já a *atitude corporal* representa a base mais constante sobre a qual a imagem *morpho-estática* do corpo é construída. A auto-representação é baseada no esquema de ambos os *corpos*, o *móvel* e o *imóvel-posicionado*.

Outros autores, como O’Shaughnessy (1998), Damásio (1996) e Campbell (1998), também se referem a este componentes mais dinâmicos e mais estáticos que fariam parte da construção da imagem corporal.

Para Kestenberg, as *atitudes do corpo* referem-se à forma que o corpo está tomando, a como ele está alinhado no espaço, a como as partes do corpo estão posicionadas uma em relação à outra e às posições favoritas do corpo todo.

3 As abordagens somatopsíquicas usam intervenções corporais para afetar o funcionamento psicológico, elas incluem o movimento do corpo, a manipulação da pele ou dos músculos e técnicas focalizadas no corpo integradas com psicoterapia verbal. São exemplos: terapias por meio da dança e do movimento, técnica de Alexander, método de Feldenkrais, Rolfing, terapia de Reich, dentre outros (Pruzinsky, 1990).

Tabela 1. Idades aproximadas das fases pré-genitais e genitais e ritmos de movimento.

Fase do Desenvolvimento	Idade aproximada	Ritmo de movimento característico
Fase Oral	início do 1º ano de vida	Ritmos orais: sugar
	final do 1º ano de vida	Ritmos orais-sádicos: morder
Fase Anal	final do 1º ano e início do 2º ano	Ritmos anais: torcer
	final do 2º ano	Ritmos anais-sádicos: pressionar
Fase Uretral	final do 2º ano	Ritmos uretrais: correr
	início do 3º ano	Ritmos uretrais sádicos: corre-pára-corre
Fase Genital-interna	entre 2,5 anos e 3,5 anos	Ritmos genitais-internos: ondular
	entre 3,5 anos e 4 anos	Ritmos genitais-internos-sádicos: balançar
Fase Fállica	entre 4 anos e 5 anos	Ritmos fállicos: pular
	entre 5 anos e 6 anos	Ritmos fállicos-sádicos: lançar-se

Também denotam todos os padrões e frases de movimento para os quais existe uma prontidão do corpo no repouso e ainda indicam as qualidades de movimento as quais, por seu uso freqüente, deixaram sua *marca* no corpo.

A seguir descrevemos as fases pré-genitais (neonatal, oral, anal e uretral) e genitais (genital-interna e fállica) na perspectiva de Kestenberg.

Fases pré-genitais: neonatal, oral, anal e uretral

Fase neonatal

A forma do corpo do recém-nascido reflete o seu confinamento recente na cavidade uterina. Os movimentos da parte superior e da parte inferior do seu corpo ainda não são coordenados, ele deve integrar as partes do corpo, as posições e os movimentos em padrões que serão responsivos às oportunidades providas pelo ambiente para a nutrição e o crescimento.

A mãe ajuda o nenê a usar seu equipamento inato em consonância com o seu, e assim provê modelos a ele para que ele possa coordenar o *fluxo de tensão* e o *fluxo de forma*⁴. Quando há consonância entre mãe e filho, se o filho cresce em direção à mãe, ela cresce em direção a ele, se ele se recolhe um pouco, ela se recolhe um pouco. Desta forma, quando a mãe percebe que o nenê busca o mamilo para mamar, ela vai em direção a ele para que ele encontre o mamilo, quando o nenê solta o mamilo para engolir, a mãe também se recolhe um pouco. Não há consonância se no momento em que o nenê solta o mamilo a mãe o empurra de volta na boca dele. Por outro lado, a mãe não deve apenas se sintonizar com o filho, mas também ensiná-lo a sintonizar-se com ela.

4 Kestenberg analisa os movimentos de acordo com seus *atributos de esforço (fluxos de tensão, precursores de esforço e esforço)*; e *“atributos de forma” (fluxos de formas, modelagens do espaço em direções e modelagens do espaço em planos)*. O *fluxo de tensão* é usado pela pessoa para expressar necessidades, impulsos e sentimentos, está relacionado às pulsões. O *fluxo de forma* é usado para a entrada ou expulsão de substâncias do corpo, está ligado aos modos de relação com o ambiente e consigo mesma. Os ritmos de *fluxos de tensão* e de *forma* são considerados por Kestenberg relacionados ao controle do id. Com a maturação, estes ritmos se tornam subordinados aos “esforços” e “modelagens no espaço” que são fatores motores que vêm sob o controle do ego.

Embora a sintonia com a mãe seja de extrema importância para o desenvolvimento da criança, Kestenberg ressalta que alguns momentos de choque entre mãe e filho também são necessários, pois uma sintonia extrema e persistente entre os dois pode vir a dificultar o processo de diferenciação.

Progressivamente o nenê atinge o controle para ficar sugando continuamente. Assim ele desenvolve uma regulação entre *fluxo de tensão preso e livre* que pode ser usada para a contenção ou liberação da descarga dos impulsos por meio dos canais motores. Desta regulação evoluem os sentimentos de cautela e segurança, especialmente aqueles que são experienciados na perda de equilíbrio e recuperação através de um colo seguro.

Da progressão na regulação do *fluxo de forma*, a descarga dos impulsos é distribuída para dentro ou para fora do corpo e para partes diferentes do corpo. Desta regulação evoluem sentimentos de desconforto ou conforto e de repulsão ou de atração.

Com a ajuda integrativa da mãe, o nenê vai aprendendo a integrar os *fluxos de tensão* com os *fluxos de forma*. Assim, o sentimento de segurança funde-se com o sentimento de conforto e de atração, enquanto o sentimento de cautela funde-se com o de desconforto e repulsa.

Fase oral

O estabelecimento de um sistema primário de comunicação é a tarefa de desenvolvimento da fase oral. Isto só é possível à medida que a criança adquire a noção de constância de si mesmo e dos objetos no espaço.

Dolto (1994/1999) também aponta esta fase como o momento no qual a mente da criança começa a despertar para a comunicação. Segundo Dolto (1984/2004, p. 79) *“o desmame implica que a mãe seja capaz de se comunicar com o filho de outra forma que não lhe dando alimento, lidando com seus excrementos e devorando-lhe com beijos e carícias”*.

Para Erikson (1963/1976) “obter” é a primeira modalidade social que se aprende na vida, obter significa receber e aceitar o que é dado. As etapas da fase oral criam na criança as fontes do sentimento básico de confiança e de desconfiança. Na fase oral, a criança tem controle do plano horizontal. Ela dá formas ao seu corpo encolhendo-se e expandindo-se. Esta

é a base corporal em cima da qual ela constrói as habilidades de se mover lateralmente e transversalmente. Os ritmos orais de sugar promovem a união com o objeto, os ritmos orais-sádicos de morder levam a uma separação. Quando predominam os ritmos de sugar no início da fase oral há uma maior sintonia entre o nenê e a mãe, já quando a criança começa a morder sua mãe, ela geralmente rompe esta unidade dual que foi estabelecida desde o início da fase oral.

Ganhando controle do ritmo oral de “fluxo de tensão” e mudanças correspondentes no “fluxo da forma”, a criança torna-se parcialmente independente da sua mãe e pode edificar a primeira versão da sua imagem corporal. No início da fase oral, a imagem corporal do nenê é incerta. Nos momentos em que está mamando, ele se funde com sua mãe, e sua imagem corporal abarca toda a dupla. Já quando está sozinho e não precisa mais da mãe, sua imagem corporal se encolhe ficando próxima do tamanho do seu corpo. Isto acontece na medida em que o nenê ainda não tem bem definidos para si mesmo os seus limites corporais. Assim, sua imagem corporal pode expandir-se abarcando outros objetos, bem como se retrair quando não está em contato com outros objetos.

Da inter-relação entre crescer e encolher, alcançar e recolher, espalhar e reunir desenvolve-se entre a mãe e a criança um sistema de “preensão e soltura”. Quando ao invés de “crescer” em direção à mãe a criança passa a “alcançar” a mãe e ao invés de “encolher-se” para atingir a união entre a boca e a mão, a criança passa a “colocar” as coisas para dentro da boca, a criança torna-se funcionalmente “preênsil”. A partir desta nova organização torna-se possível para ela o “explorar”, o “abranger” e o “comunicar”.

Klein (1952/1973, pp. 36-37) afirma que “*não apenas a boca [do nenê], mas até certo grau todo o corpo, com todos os seus sentidos e funções, realiza este processo de ‘pôr para dentro’*” durante a fase oral.

Por meio do movimento, da exploração do “plano horizontal”, a criança vai adquirindo os conceitos de “aqui” e “lá” e “aqui não” e “lá não”. Reconhecendo o espaço de fora como um meio que a separa dos objetos, a criança define sua localização no espaço “perto” e a localização dos objetos no espaço “ao alcance”.

No final da fase oral, o ritmo de mordida torna-se mais freqüente. O ritmo de mordida auxilia na distinção da criança entre ela e os objetos externos. A diferenciação progressiva de posições básicas do corpo e dos movimentos dos membros torna-se o núcleo central da imagem corporal preênsil do nenê. A mobilidade da cabeça e dos membros e a mobilização progressiva do peito por meio das torções e das viradas facilitam a abordagem do espaço e sua exploração.

Atenção e exploração combinam-se para promover o desenvolvimento das representações de si mesmo e dos objetos e da constância de si mesmo e dos objetos no espaço, por meio do reconhecimento da igualdade no perto e no longe. Esta aquisição também é mencionada por outros pesquisadores (Dolto, 1994/1999; Klein, 1991) e seu desenvolvimento está ligado às brincadeiras de trazer para perto e mandar para longe os objetos.

Klein (1975/1991) não concorda que os impulsos destrutivos (sádicos-orais) aparecem pela primeira vez com o início da dentição, para ela, eles já estão presentes desde o início da fase oral. “*Tanto a capacidade de amar quanto o sentimento de perseguição têm raízes profundas nos processos mentais mais arcaicos do bebê*” (p. 283).

Fase anal

Na transição para a fase anal, a criança começa a erguer-se para a posição ereta. Seu interesse muda da parte de cima do corpo, preênsil, para a parte de baixo, estabilizante. Ela descobre suas pernas e tronco e os transforma de *ferramentas preênsais* para *ferramentas de suporte*. Quando ela engatinha, até suas mãos se tornam *estabilizadoras* ao invés de *pegadoras*.

A criança explora a verticalidade e aprende a controlar os níveis de tensão do corpo. Explora as qualidades dos objetos (pesos, texturas) e começa a lhes atribuir valores. Passa a ter intencionalidade, exprimindo o que ela quer e o que não quer.

Dolto (1971/1980, p. 56) afirma que no início da fase anal a criança começa a ter prazer de “*beliscar, agredir, esmagar; ‘empurrar’, isto é, de fazer esforço*”. Relaciona isto ao fato da criança estar fisicamente capacitada para realizar um esforço muscular e estar aprendendo a disciplinar este esforço.

Segundo Kestenberg, quando se inicia a fase anal-sádica os ritmos são de segurar e expelir, a criança segura objetos e depois os joga. Ela aprende a coordenar alta tensão com encolhimento do corpo e baixa tensão com alongamento do corpo. Ganhando controle de grupos semelhantes de padrões de movimento no corpo e no rosto, a criança é capaz de exibir emoções. A predominância dos ritmos de *segurar* e *expelir* caracteriza todo o comportamento da criança. Ela precisa de muito tempo por si mesma para ganhar controle sobre os ritmos anais e conseguir o sentimento de si mesma como uma unidade independente.

Para Erikson (1963/1976), *soltar* e *agarrar* são as novas modalidades sociais desenvolvidas neste momento. A criança começa a desenvolver um sentimento de autonomia, o “*desenvolvimento do sistema muscular dá à criança um poder muito maior sobre o meio ambiente*” (p. 73). Para Casale (1986), a criança na fase anal tem motivações de conhecimento, presença e propriedade.

Segundo Kestenberg, a criança nesta fase fica na posição ereta mantendo seu corpo em um bloco só. Alinhada no plano vertical, ela se torna parte do mundo adulto. Por meio da manutenção das posições sentada, de cócoras e de pé, ela adquire um núcleo para uma imagem corporal diferenciada e rígida.

Ganhando o controle de vários graus de tensão muscular e de dimensões e direções no plano vertical, a criança experimenta transferir o seu próprio peso assim como o peso dos objetos. Por meio de movimentos como empurrar, levantar e jogar, ela começa a avaliar os pesos. Experimentando tocar suavemente e com pressão, ela avalia as texturas. Alongando e diminuindo, ela avalia os tamanhos. Assim, os objetos começam a ter qualidades duradouras. Dolto (1994/1999) chama esta etapa de “idade do mexe-em-tudo”, quando a criança aprende a conhecer as coisas.

Na visão de Kestenberg saber o que são as partes de seu corpo e o que são os objetos dá à criança um sentimento de intencionalidade. Ela sabe o que ela quer e ela confronta sua mãe com uma evidência clara da sua intenção. Uma vez que a criança pode criar símbolos permanentes, ela constrói uma imagem de sua mãe como um objeto sólido indestrutível e assume as mesmas qualidades para si mesma.

Tabela 2. Quadro esquemático das fases pré-genitais e suas principais características.

Fase do desenvolvimento	Fase Oral	Fase Anal	Fase Uretral
Ritmo de movimento característico	Sugar	Pressionar	Correr
Uso do espaço	Plano Horizontal	Plano Vertical	Plano Sagital
Principal exploração	Espaço	Peso	Tempo
“Tarefa” de desenvolvimento	Comunicação	Intenção	Operação
Sistema de operação	Preensão-Soltura	Estabilização-Soltura	Mobilização-Contenção
Imagem corporal	Imagem Corporal Préênil	Imagem Corporal Rígida	Imagem Corporal Fluida

Quando a criança torna-se capaz de internalizar as qualidades de peso e volume dos objetos, seu ego⁵ começa a regular a catexia⁶ dos objetos de acordo com seus valores duradouros. Ela compara pesos e tamanhos e começa a colocar julgamentos a estes aspectos dos objetos.

Fase uretral

A tarefa da fase uretral é o desenvolvimento da capacidade de executar operações. No terceiro ano de vida, a criança começa a ficar consciente do tempo, a ganhar iniciativas e tomar decisões, assim como a antecipar as reações das pessoas ao seu comportamento.

Casale (1986) afirma que quando a criança, nesta fase, começa a ter a capacidade representativa do objeto ela passa a poder antecipar a ação. Suas necessidades nesta fase vinculam-se ao surgimento de suas motivações.

Segundo Kestenberg, nesta fase a criança irá explorar o plano sagital, ela gosta de correr a frente de sua mãe e é incapaz de parar o fluxo livre de seus impulsos locomotores. Ela se entrega a uma mobilidade interior e se perde nela. Ela só será capaz de prender o fluxo de seu movimento e controlá-lo quando a fase uretral-sádica ficar dominante.

A imagem corporal tensa e *morpho-estática* da criança da fase anal começa a ser substituída por uma nova imagem corporal tensa e *morpho-móbil*. A criança passa a experimentar sua mãe também como um móbil. As fronteiras do corpo ficam incertas quando a criança estável torna-se uma criança móbil e mobilizadora. O *fluxo de tensão* é de tipo fluido e de escoamento. A imagem corporal da criança pode crescer além dos limites quando ela se projeta dentro do espaço. Ela precisa da mãe para contê-la, para ajudá-la a restabelecer as fronteiras do corpo segurando-a e acariciando-a.

Os ritmos uretrais-sádicos são caracterizados por passagens bruscas do fluxo livre para o preso. A criança pratica começar e parar abruptamente o movimento, enquanto ela ganha controle da dimensão *para frente e para trás*. Um sistema de operação de *mobilização-contenção* incorpora os sistemas anteriores de *preensão-soltura e estabilização-soltura*.

A criança puxa, deixa coisas para trás, anima objetos imóveis e os faz correr e parar de acordo com sua vontade. Esta sua qualidade móbil inicia uma nova organização do ego. A regulação do tempo torna-se uma função do ego, e a antecipação de seqüências começa a trazer uma ordem de processo secundário para as ações, palavras e pensamentos. A criança começa a ficar consciente do tempo, ela passa a tomar decisões sozinha e ser capaz de ir mais devagar ou apressar-se. Assim, desenvolve um novo tipo de constância dos objetos, a constância no tempo.

Ao fim das fases pré-genitais a criança pode *comunicar-se, apresentar sua intenção, e operar* (contar uma história curta ou jogar um jogo curto). Todas estas realizações são dependentes da sua habilidade de manter a constância dos objetos no *espaço, peso e tempo*. Na Tabela 2, colocamos de forma esquemática as principais características de cada uma das fases pré-genitais.

Fase genital-interna

Em cada uma das fases anteriores, a criança aprendeu alguns padrões motores e praticou-os incessantemente. Na fase genital-interna, sua tarefa será a de combinar o que aprendeu e praticar estes padrões em frases comportamentais complexas.

Nesta fase, a criança lida com excitações das suas partes sexuais. Por meio de balançar, rolar, oscilar e de transferências de peso quase imperceptíveis, a criança desenvolve uma integração entre todas as partes do corpo que provê o núcleo para uma imagem corporal integrada. Sua *atitude corporal* reflete a sutil integração entre o dentro e o fora do corpo que começa a ser desenvolvida em sua imagem corporal.

A criança, nesta fase, fica confusa com a falta de clareza de suas sensações cinestésicas e no início, aponta sua origem para o estômago, o reto ou a bexiga. Este tráfico entre o dentro e o fora facilita a exteriorização das percepções cinestésicas e dos impulsos cinestésicos de dentro do corpo para a sua periferia e para os objetos. Usar o movimento para modelar o espaço ajuda a criança a construir modelos para o interior não visível do corpo.

As combinações de padrões de movimento mais frequentes são aquelas que se assemelham aos movimentos maternos. Como a mãe, a criança passa a usar mais intensamente a verbalização para se manifestar.

5 Kestenberg utiliza os conceitos freudianos *ego, id e superego*. Estas são as três principais subdivisões funcionais do aparelho mental propostas por Freud. O ego está ligado à racionalidade e às defesas, possui uma parte consciente e uma inconsciente, serve como um intermediário entre o indivíduo e a realidade externa, está numa relação de dependência quanto às reivindicações do id, bem como aos imperativos do superego e às exigências da realidade externa. O id constitui o polo pulsional da personalidade, os seus conteúdos, expressão psíquica das pulsões, são inconscientes, em parte inatos e em parte recalçados e adquiridos. O superego constitui-se por interiorização das exigências e das interdições parentais. Tem um papel de censor relativamente ao ego, são suas funções a consciência moral, a auto-preservação e a formação de ideais (Laplanche & Pontalis, 1967/1986; Moore & Fine, 1990/1992; Rycroft, 1968/1975).

6 Termo freudiano que se refere à “*quantidade de energia [psíquica] que se liga a qualquer representação de objeto ou a qualquer estrutura mental*”. (Rycroft, 1968/1975, p. 53).

É freqüente, nesta fase, a criança ter objetos que ela trata como se ela fosse a mãe cuidando do nenê. No fim da fase genital-interna estes *objetos-nenês* que antes eram segurados perto do peito são freqüentemente segurados perto das coxas ou entre as pernas e tratados rudemente. Ataques deliberados aos objetos são ocasionados por sentimentos de que dentro está intolerável e deve ser eliminado. Os medos aumentam e evocam na criança atitudes características de fases anteriores.

Quanto melhor a integração da criança com a realidade e a sua aquisição da noção de constância dos objetos, maior a possibilidade de elaboração de seus medos por meio de processos mais complexos como a sublimação⁷.

Fase fálica

No início desta fase, a criança tende a usar seu corpo todo como uma unidade, com a cabeça e os membros agindo como extensões do tronco. O centro de gravidade é estável e as fronteiras do corpo são claramente delineadas pelos aumentos de tensão.

Crianças dos dois sexos gostam de pular para cima e para baixo como um passatempo. No final desta fase, quando fantasias de penetração com intenção agressiva começam a predominar, os pulos sem objetivo são substituídos por saltos em extensão e aterrissagens seguras. A criança varia entre querer machucar os outros e ser machucada, amar e ser amada. Seu efeito na *atitude corporal* é uma diferenciação acentuada entre cabeça, membros e tronco, cada um funcionalmente diferente e servindo a objetivos específicos.

No começo da fase, a criança está orientada para a ação. No fim da fase, ela se tornou capaz de planejar suas ações de acordo com os interesses de seu ego e em consideração com os outros. Quando a criança, no fim da fase fálica, aprende a discriminar claramente entre os opostos, ela se torna um *expert* em se preparar para as ações por meio do uso seqüencial de padrões contrastantes, por exemplo, flexionar os joelhos e encolher-se antes de estender-se em um grande salto para frente.

Na fase fálica, Erikson (1963/1976) vê as atitudes dos meninos caracterizadas pelo “modo intrusivo” e das meninas pela “insepção” e “inclusão”, embora também ocorra com elas a “intrusão”. Ainda segundo este autor, as crianças desenvolvem nesta fase os sentimentos de iniciativa.

Fases de latência e adolescência

Fase de Latência

A criança da fase de latência dá a impressão de estabilidade e segurança. Sua tarefa de desenvolvimento está relacionada à aquisição de um sentido social e a incorporação

parcial deste sentido pelo superego como uma consciência social. No movimento da criança existe uma distribuição uniforme de todos os ritmos em suas formas puras e em variedades misturadas. Os gestos reforçam a fala e provém uma “melodia” por eles mesmos de acordo com as qualidades dos elementos de *esforço* e *forma*. A criança começa a ser mais reticente e requerer mais privacidade para si mesma. Freqüentemente ela apresenta predominância de atitudes próprias das fases anteriores, principalmente quando em companhia de outras crianças.

Para Dolto (1971/1980, p. 49), nesta fase a “*libido* [...] *estará inteiramente ao serviço de um Superego objetivo. O inconsciente também participará da aquisição cultural, à conquista do mundo exterior*”. Erikson (1963/1976) relaciona esta fase com o aprendizado da realização de tarefas. Segundo Casale (1986), nesta fase da vida inicia-se o desenvolvimento da escala de valores, a criança já conta com sentimentos, conhecimentos e está forjando valores éticos.

Segundo Kestenberg, a *atitude corporal* da latência é caracterizada por um tronco rígido, que aparenta mover-se em um *bloco só*. O tronco raramente se torce na cintura e é isolado da mobilidade dos pulsos, articulações dos dedos e tornozelos pela inibição do movimento nas articulações proximais. Apesar da relativa isolação entre cabeça e membros, a cooperação entre eles se torna operativa não apenas nas posturas, mas também quando a criança planeja mover-se em gestos úteis e bem coordenados.

Muitos dos padrões de movimento usados pela criança são modelados sob influência das várias pessoas com as quais ela se identificou no passado e se identifica no presente. Casar bem os elementos de *esforço* e *forma* reflete a síntese entre identificações com ações (por meio do *esforço*) e identificações com atitudes para com objetos (por meio das *formas*). As combinações mais harmoniosas acontecem quando as tendências pessoais da criança coincidem com aquelas das pessoas com as quais a criança se identifica.

Na fase da latência existe um isolamento entre as posturas e os gestos. Este isolamento desaparece na adolescência. A reorganização da imagem corporal na adolescência requer um tipo fluido de comunicação entre todas as estruturas que participam em sua reconstrução. Em contraste, as crianças na latência persistem em manter sua velha imagem corporal, mesmo quando as mudanças anatômicas já pedem por sua reestruturação.

Fase da adolescência

Segundo Erikson (1976, p. 240) “*na puberdade e na adolescência todas as uniformidades e continuidades em que se confiava anteriormente voltam a ser até certo ponto discutíveis, por causa de uma rapidez do crescimento do corpo [...] e da nova adição de maturidade genital*”. Predominam os sentimentos de “identidade” *versus* “confusão de papel”. Casale (1986) afirma que na puberdade, embora a criança conheça seus sentimentos, conhecimentos e valores, ela ainda não aprendeu a agir integrando-os.

Para Kestenberg, a tarefa de desenvolvimento da adolescência é a cristalização de um espírito de comunidade. Esta fase é dividida pela autora em quatro subfases: a) Pré-puberdade; b) Crescimento da puberdade; c) Diferenciação da puberdade; e d) Consolidação pré-adulta.

7 Segundo Laplanche e Pontalis (1967/1986) sublimação é o “[p]rocesso postulado por Freud para explicar actividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como actividades de sublimação principalmente a actividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objectos socialmente valorizados” (p. 638).

Pré-puberdade

Na pré-puberdade, a cintura da criança torna-se flexível e móbil. O tronco não se move mais como um bloco só. Há um crescimento não uniforme entre as partes do corpo, assim acontece um desequilíbrio entre elas. As combinações harmoniosas de padrões, que havia na fase da latência, são substituídas por combinações que se chocam. Para promover a estabilidade, existe uma inibição do fluxo da ação quando é perdido o controle dos movimentos dos membros. A renovação dos ritmos não-treinados e a variação entre descarrilamento dos movimentos e rigidez exigem uma nova integração entre membros e centro do corpo que servirá como base para uma nova imagem corporal abarcando as diferenças sexuais.

Na adolescência há uma disputa de vários ritmos pela dominância. O adolescente se vê agindo de uma maneira que entra em choque não apenas com o que os adultos e seus colegas esperam dele, mas também com o que ele mesmo espera dele. Por meio de repetidos choques e restituições da harmonia, o jovem reorganiza e re-estrutura seus agentes psíquicos.

No esporte, ele consegue coordenar *fluxo de tensão, esforço, fluxo de forma e modelagens no espaço*, mas depois de acabada a atividade, ele tende a voltar à combinação desordenada destes fatores. Ao mesmo tempo em que o crescimento hormonal, físico e mental torna-se mais regular, o jovem adolescente ganha controle na distribuição de breves e prolongados períodos de realizações e descanso.

Crescimento da puberdade

As *atitudes corporais* são baseadas em uma ênfase exageradamente narcisista das diferenças sexuais. Nesta fase existe um crescimento do *ritmo pulsátil* para os meninos e *cíclico* para as meninas. Os jovens sentem necessidade de encontrar outros ritmos similares aos seus. As amizades e casais são iniciados pela experiência da sincronização e harmonização dos ritmos durante a qual as fronteiras dos corpos se fundem e a imagem corporal se expande.

A formação de um autoconceito (identidade) dinâmico e indiviso pede pela re-sintetização das identificações do passado e do presente, as quais incluem não só objetos familiares, mas também colegas e outros adultos. Este desenvolvimento pode ser reconhecido no movimento na evolução de *esforços* complexos e padrões de *modelagens* a partir da combinação de vários *esforços* simples e *formas* elementares.

Diferenciação da puberdade

A *atitude corporal* torna-se individualizada e parecida com a dos adultos. As fronteiras do corpo estão bem delimitadas, com diferentes partes do corpo variando na clareza de sua delimitação, refletindo uma imagem corporal diferenciada e específica de cada sexo.

Um sinal distintivo da individualidade no adolescente deriva da repetição preferencial de certos padrões de movimento em um tipo de ritmicidade bem definida. Esta ritmicidade pode ser dividida em três partes que dão uma organização geral às seqüências de padrões de movimento: preparação para uma atividade; execução da atividade; e resolução da atividade.

O estilo pessoal mais claramente definido permite à família e aos amigos reagirem com respostas diferentes ao adolescente. Ele está ficando sensível às mudanças e começando também a reagir para pessoas diferentes de diferentes maneiras. As estruturas psíquicas estão ficando diferenciadas, sem a isolação rígida que era característica da latência. A transferência do envolvimento com a família, para novos laços, só é possível quando a maturação física, neuro-hormonal e dos padrões motores suporta a diferenciação progressiva que permite ao adolescente achar seu lugar na comunidade.

Antes da fase pré-adulta, o adolescente passa por uma fase de regressão, com desorganização na *atitude corporal* e na ritmicidade do movimento. Na *atitude corporal* do adolescente, nesta fase são observadas perda da vitalidade, diminuição do delineamento claro da forma e das fronteiras do corpo e perda da diferenciação das funções da cabeça, tronco e membros. Esta regressão motora indica que as pulsões estão mais fortes e as funções do ego e do superego estão proporcionalmente mais tênues.

Consolidação pré-adulta

Nesta fase torna-se solidamente estabelecida uma *atitude corporal* adulta. Ela contém traços de *atitudes corporais* anteriores, isto é, porções que foram preservadas sem mudança.

As fronteiras do corpo são restauradas e feitas mais sólidas do que antes, os padrões habituais de *fluxos de tensão* e *forma* tornam-se permanentemente gravados na *atitude corporal*. A prontidão para mover-se em certos *esforços* e posicionar o corpo em vetores definidos do espaço é tão constante que pode ser considerada um núcleo somático estável da auto-representação e da identidade do adulto.

A ritmicidade do movimento pára de dominar o comportamento e é evocada, modificada e consolidada primariamente a serviço da adaptação à realidade externa e do relacionamento interpessoal. Existe uma grande estabilidade na organização das pulsões e menos variedade nos sentimentos a respeito de si mesmo.

O retorno de uma supremacia do ego em cima do id é reforçado por uma grande complexidade e solidez dos mecanismos de defesa e do relacionamento com a realidade externa. As frases em gestos e posturas individualizadas e freqüentemente repetidas refletem os conflitos típicos e soluções típicas de um determinado indivíduo.

Considerações Finais

Os estudos de Kestenberg são preciosos por conseguirem captar o movimento nas suas sutilezas e ao mesmo tempo na sua complexidade. Na perspectiva desta autora, a mobilidade desenvolve-se junto com o desenvolvimento psicológico, não paralelamente, e sim, um intrinsecamente ligado ao outro. É possível ver correspondências entre as observações de Kestenberg sobre as fases do desenvolvimento e a de outros autores, principalmente do viés psicanalítico, porém o que a diferencia é o seu foco no estudo pormenorizado do desenvolvimento dos ritmos motores e das inter-relações destes com o desenvolvimento psicológico.

Nos estudos de Kestenberg, fica claro ainda como os padrões de movimento do ser humano na vida adulta são individualizados e dependentes de aspectos do início da história de vida da pessoa, assim como das preferências congênicas da pessoa por certas qualidades de movimento.

Pruzinsky (1990) aponta a importância do toque e do movimento para o processo de individuação da criança. Considera a experiência tátil e as informações cinestésicas e proprioceptivas como mediadoras para a formação do sentido de *self* e para o estabelecimento das fronteiras entre o *self* e o mundo.

Kinsbourne (1998) considera que a habilidade para atentar para as próprias representações das partes do próprio corpo pode ser um precursor essencial para a aquisição do conceito de *self*. O corpo traz uma sensação de *familiaridade*, de algo constante que existe independentemente do que a pessoa estiver pensando, fazendo, sentindo, e mesmo que ela não esteja com a atenção voltada para o corpo.

Todos os ritmos podem ser notados no bebê recém-nascido e as preferências por determinados ritmos podem ser detectadas desde cedo. Os fluxos de tensão originalmente preferidos aumentam ou diminuem de acordo com a sintonia com a mãe e mudam de influência no comportamento de acordo com a maturação. Quando as preferências originais do bebê são tão fortes que impedem o influxo dos ritmos específicos de cada fase, o desenvolvimento é desfigurado por fixações precoces.

Os modos predominantes de organização do movimento durante a primeira infância são carregados para a vida adulta. As preferências de ritmos motores originais são geralmente preservadas em forma de ritmos mistos. Da distribuição dos ritmos mistos é possível julgar se existe uma fixação em determinada pulsão. É possível acessar a fase do desenvolvimento na qual ocorreu a fixação pela análise do movimento da pessoa.

Kestenberg enfatiza que ela não supõe uma relação simples entre mobilidade e psique. Ela tenta fazer inferências sobre a psique a partir dos padrões de movimento, assim como ela faz inferências sobre a psique a partir das produções verbais.

O movimento tem papel primordial no modo como nos representamos para nós mesmos e nos apresentamos para os outros. Isto está relacionado às nossas sensações de potência e impotência e aos nossos limites. Qualquer intervenção sobre o movimento corporal de uma pessoa, faz-se sobre este fenômeno complexo. A abordagem de Kestenberg torna bem evidente este aspecto, sendo um conhecimento necessário para quem trabalha com o corpo do outro. Seus estudos abrem possibilidades tanto para pesquisas práticas quanto para desenvolvimentos teóricos no assunto.

Referências

- Amighi, J. K., Loman, S., Lewis, P. & Sossin, M. (1999). *The meaning of movement: developmental and clinical perspectives of the Kestenberg Movement Profile*. New York: Routledge.
- Cabral, S. V. (2001). *Psicomotricidade relacional: prática clínica e escolar*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Campbell, J. (1998). The body image and self-consciousness. Em J.L. Bermúdez, A. Marcel & N. Eilan (Orgs.), *The body and the self* (pp. 29-42). Cambridge: The MIT Press.
- Casale, F. (1986). *Ajuda-me a crescer: Desenvolvimento evolutivo dos 0 aos 16 anos*. (M. F. V. A. S. Czertok, Trad.). São Paulo: Summus.
- Damásio, A. R. (1996). *O erro de Descartes*. (D. Vicente & G. Segurado, Trans.) São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1994)
- Dolto, F. (1980). *Psicanálise e pediatria* (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Dolto, F. (1999). *As etapas decisivas da infância* (M. E. Galvão, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1994)
- Dolto, F. (2004). *A imagem inconsciente do corpo* (N. Moritz & M. Levy, Trans.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1984)
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade* (G. Amado, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1963)
- Freud, S. (1957). Instincts and their vicissitudes. Em S. Freud (Org.), *Standard Edition, 14* (pp. 109-140). London: Hogarth Press.
- Ginsburg, C. (1999). Body-image, movement and consciousness: examples from a somatic practice in the Feldenkrais Method. *Journal of Consciousness Studies*, 6(2-3), 79-91.
- Kestenberg, J. S. (1975). *Children and parents: psychoanalytic studies in development*. New York: Jason Aronson.
- Kestenberg, J. S. & Sossin, K. M. (1979). *The role of movement patterns in development 2*. New York: Dance Notation Bureau Press.
- Kinsbourne, M. (1998). Awareness of one's own body: an attentional theory of its nature, development, and brain basis. Em J. L. Bermúdez, A. Marcel & N. Eilan (Orgs.), *The body and the self* (pp. 205-224). Cambridge: The MIT Press.
- Klein, M. (1973). O desmame. Em J. Rickman (Org.), *A educação de crianças à luz da investigação psicanalítica* (A. M. Spira, Trad.) (pp. 35-52). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952)
- Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963* (E. M. R. Barros & L. P. Chaves, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975)
- Krueger, D. W. (1990). Developmental and psychodynamic perspectives on body-image change. Em T. F. Cash & T. Pruzinsky (Orgs.), *Body Images: development, deviance, and change* (pp. 255-271). New York: The Guilford Press.
- Laplanche, J. & Pontalis J. B. (1986). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen, Trad.) Santos: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Le Boulch, J. (1992). *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos*. (A. G. Brizolara, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1981)
- Levine, P. A. (1999). *O despertar do tigre: curando o trauma*. (S. Augusto, Trad.) São Paulo: Summus. (Trabalho original publicado em 1993)
- Mahoney, M. J. (1990). Psychotherapy and the body in the mind. Em T. F. Cash & T. Pruzinsky (Orgs.), *Body Images: development, deviance, and change* (pp. 316-333). New York: The Guilford Press.
- Moore, B. E. & Fine, B. D. (1992). *Termos e conceitos psicanalíticos*. (J. O. A. Abreu, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1990)
- O' Shaughnessy, B. (1998). Proprioception and the body image. Em J. L. Bermúdez, A. Marcel & N. Eilan (Orgs.), *The body and the self* (pp. 175-204). Cambridge: The MIT Press.
- Penna, L. (1989). Além da fronteira desgastada: o significado do movimento. *Boletim de Psicologia*, 39(90/91), 1-12.

- Penna, L. (1990). Imagem corporal: uma revisão seletiva da literatura. *Psicologia USP*, 1(2), 167-174.
- Pruzinsky, T. (1990). Somatopsychic approaches to psychotherapy and personal growth. Em T. F. Cash & T. Pruzinsky (Orgs.), *Body Images: development, deviance, and change* (pp. 296-315). New York: The Guilford Press.
- Rodrigues, G. E. F. (2003). *O método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Rycroft, C. (1975). *Dicionário crítico de psicanálise* (J. O. A. Abreu, Trad.) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968)
- Schilder, P. (1999). *A Imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. (R. Wertman, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1950)
- Stinson, S. W. (1995). Body of Knowledge. *Educational theory*, 45(1), 43-54.

Recebido em 16.02.2006

Primeira decisão editorial em 25.09.2006

Versão final em 10.09.2007

Aceito em 06.12.2007 ■